

CRAVINHO¹

[1] Da coletânea de contos *Livro dos homens* (2005, Cosac Naify).

O ventilador de teto fazia um barulho tão forte que mal dava para escutar a afinação da rabeca. Antônio Paulo pensou em desligá-lo, mas lembrou as moscas, verdadeiros enxames naquele tempo de Quaresma. Do lado de fora da casa sangravam um porco e o sangue embebido na areia do terreiro atraía mais insetos. Os alunos aguardavam a apresentação do Mateus, alheios a qualquer movimento que não fosse o gestual do palhaço. Ouviam apenas o som alto da televisão, transmitindo uma corrida de carros.

Antônio Paulo enxugou o suor da testa e pensou se tanto esforço valia a pena. Durante quinze dias, lutou para que os seus alunos de dramaturgia compreendessem a construção daquele personagem extravagante, o Mateus dos brinquedos populares, semelhante ao Arlequim da comédia italiana.

— O reisado nordestino faz parte de um teatro de tradição universal. É como o teatro japonês, o chinês e o indiano. Só a nossa pobreza econômica nos faz diferentes.

Os alunos pareciam não acreditar. O que havia em comum entre aquelas brincadeiras toscas e a ópera de Pequim ou o *kabuki*?

Saídos da sala de aula, estavam ali no campo, lugar onde moravam os brincantes. O primeiro Mateus, um velho gordo de setenta anos, encarvoava o rosto. Seu ajudante, o segundo Mateus, mal se segurava em pé, de tão bêbado. O Mestre do brinquedo arrumava na cabeça o chapéu afunilado. A pequena orquestra — uma rabeca, um pandeiro e um reco-reco — ensaiava. Os vizinhos entravam na sala, arremedavam passos, perguntavam se iam aparecer na televisão.

Do lado de fora, prosseguia a matança do porco. Escaldaram o couro com água quente, raspam os cabelos pretos e duros e sapecaram a pele num fogo de lenha. A cachaça corria solta nos copos. Os cachorros, desacostumados de fartura, aguardavam a vez de se banquetearem.

— Tudo o que o senhor falou sobre o Mateus, nós vamos ver aqui? — perguntou um aluno.

Temendo aquela pergunta, Antônio Paulo relutara em convidar os alunos para verem uma representação do reisado. Como fazê-los compreender que buscavam traços de outras culturas, preservados naquele brinquedo? Que um arqueólogo é capaz de recompor um vaso com sete cacos de porcelana, achados numa escavação?

— É preciso ter olhos para ver — respondeu de mau humor.

O Mateus, que lembrava um pajé, amarrou um surrãozinho nas costas, cheio de guizos. Homem calmo e preciso, cada gesto seu parecia ensaiado à perfeição. Desenhou com o dedo um espaço na sala, pedindo que ninguém entrasse ali. O círculo de traçado imaginário era o seu palco. Desculpou-se porque o brinquedo não estava completo. Só aceitara representar num domingo de Páscoa porque o professor valorizava a sua arte. Viessem no Natal, ou na Festa de Reis.

Prosseguia o ritual da matança do porco, no dia em que celebravam a Ressurreição do Cristo. Com um machado, partiram o espinhaço em dois. Os cachorros enchiam a barriga de tripas e bofes. Os urubus, sentindo o cheiro de carne, sobrevoavam o arruado de casas.

Pedindo licença para iniciar a brincadeira, o Mestre mandou que desligassem a televisão. Lá de dentro, vozes masculinas protestaram. Em Mônaco, a corrida de carros estava começando.

Antônio Paulo amaldiçoou a aventura. A quem poderia interessar suas teorias sobre o reisado? Ouviu gritos do lado de fora. Brigavam pelas vísceras do porco. Um rapaz passou correndo com um pedaço de fígado. O dono da casa fez sinal com a mão, ordenando silêncio. Quando a orquestra tocou uma marcha de chegada, enchendo de lágrimas os olhos do professor, pouca gente ficou no terreiro. Todos queriam ouvir o Mestre entoando as embaixadas do rei Carlos Magno e os Doze Pares de França. Peças avulsas, sem ordem, cantadas e dançadas na emoção do instante, apenas para satisfazer o professor e seus alunos ignorantes do que existia além dos *shoppings*.

Olhando o Mateus se movimentar, Antônio Paulo teve certeza de assistir à apresentação de um grande artista. Quando transpunha o espaço mágico do palco, era o homem comum que trabalhava num engenho de rapadura, mexendo os tachos de mel. Porém, se retornava ao círculo imaginário, o rosto se iluminava, transformado num ator dançarino, guardião de uma arte secreta.

— Eu sou José Gonzaga dos Passos. No brinquedo eu tenho o nome do meu Mateus, Cravo Branco. Mas podem me chamar de Cravinho.

— Tragam o sal! — gritaram lá fora.

Atravessaram a sala novamente, desta vez carregando um quarto do porco. O segundo Mateus ameaçava cair, de tão bêbado. Sentados num banco comprido, os músicos riam das velhas piadas, ouvidas tantas vezes. O Mateus e o Mestre recitaram loas, representaram entremezes, louvaram as imagens dos santos da parede e até ensaiaram passos com os alunos desengonçados.

A cachaça era servida em copinhos pequenos, uma aguardente de cana ervada e cheirosa. Cravinho recusou a bebida, sentando pra descansar num tamborete, no meio do círculo. Enxugava o rosto moreno, com um lenço quadriculado. Sentia no corpo a trabalhadeira dos anos, os seis filhos e os quinze netos que botara no mundo.

— O senhor sempre brincou como Mateus?

— Não. Quando eu era pequeno, meu avô, que fabricava rabeca, queria que eu fosse músico. Mas eu só sabia cantar e dançar. Um dia ele olhou pra mim e disse: “Esse menino dá um Mateus”.

Trouxeram um copo de água e ligaram o ventilador para espantar as moscas.

— No reisado, a gente brinca em dois cordões enfileirados. Eu comecei lá atrás, porque era pequeno. Com treze anos, eu ainda não tinha engrossado a voz. Meu Mestre pediu para eu brincar de daminha. Vocês sabem, no reisado não tem mulheres.

Um barulho no terreiro apagou a voz de Cravinho. Ele parecia triste, relembrando sua história de brincante. O tempo ameaçava chover, aumentando o calor abafado.

— Eu mesmo cuidava dos meus trajes. Um vestido engomado, com bicos e rendas. Uns sapatinhos de verniz. Uma peruca de tranças compridas e dois peitinhos. Quando eu me pintava, ninguém dizia que eu não era uma moça.

Caíram uns pingos de chuva, mas ninguém prestou atenção. Afora o barulho do ventilador e o zunido das moscas, só escutavam a voz do Mateus, cada vez mais nostálgica.

— Um dia, a gente se apresentou na praça da cidade. Um rapaz que assistia à brincadeira olhou pra mim até o fim da festa. Chegou perto, segurou minha mão e perguntou se eu aceitava namorar com ele. Falei que meu Mestre era quem sabia.

Antônio Paulo sofreu um abalo. Reconhecia, por trás da postura masculina do velho, os trejeitos de uma mulher. — *Onnangata*, falou em voz alta. Os alunos escutaram e quiseram saber o que significava. Não dava para explicar agora. Precisava observar Cravinho melhor, constatar que ele pouco diferia dos atores japoneses que toda a vida se especializavam em representar papéis femininos.

— Meu Mestre deixou que eu decidisse. Na outra noite, eu fui me encontrar com o rapaz depois da brincadeira. Passeamos pelo parque, tomamos guaraná, comemos pipoca. Ele me deu dinheiro e quis me levar em casa. Caminhamos de mãos dadas pelo caminho.

Rodopiava no banco, buscando uma outra imagem de corpo, mais jovem e faceira, escondida sob as roupas do Mateus. Ensaiou uma voz

de falsete, um tom que lembrasse a menina que fora um dia. Retrocedeu. A liberdade do seu personagem não conseguia mais prevalecer sobre o seu papel de homem.

— Quando chegamos em casa, botei duas cadeiras no meio da sala e mandei que o rapaz sentasse. Ele obedeceu, olhou pra mim e riu. Pedi licença e fui pro meu quarto. Na frente do espelho, tirei o diadema, a peruca, o vestido, as anáguas e por último os dois peitinhos. Fiquei nu, olhando meu corpo.

Cravinho silenciou. Custava terminar o relato, como se as lembranças fossem escondidas bem no fundo da memória e doesse remexer nelas. A platéia não se movia. Da cozinha chegava o barulho das mulheres atarefadas em assar o porco. A máscara preta de carvão se desfazia, escorrendo em gotas de suor. Um outro personagem se desenhava na face do velho. Não era o Mateus brincalhão, nem o adolescente que se representava mocinha.

— Ainda restava o batom, o ruge e a pintura dos olhos. Limpei devagar, parecendo que ia morrer. Vesti minha calça de homem, minha camisa, e calcei os sapatos. Quando voltei pra sala, o rapaz estava sentado no mesmo lugar. Reparei o quanto era bonito. Meu pai fumava com raiva, numa janela. Sentei na cadeira e olhei o moço. Ele estava sem jeito, os olhos baixos no chão. Levantou-se e perguntou a meu pai pela moça morena que tinha entrado com ele. Meu pai disse que a moça morena era eu, o homem na sua frente.

A platéia se alvoroçou. Alguns riram, outros fizeram perguntas. Cravinho limpou a tísica preta do rosto e não respondeu a ninguém. A orquestra tocava um sucesso do rádio e foi servida mais cachaça. Os vizinhos improvisavam passos de reisado no meio da balbúrdia. Antônio Paulo tirou uma caderneta do bolso e se pôs a anotar as descobertas. Livres da obrigação do aprendizado, os alunos conversavam no terreiro ou assistiam na televisão às últimas voltas da corrida em Mônaco. A Ferrari venceu. Um avião passou baixo e durante um minuto ninguém escutou nada do que se falava. Duas vizinhas chegaram de moto-táxi. Eram cantadeiras de coco, com passagem pela Bélgica, França e Holanda. A cachaça rolou novamente. Os urubus, quando viram que nada sobrara pra eles, voaram atrás de carniça.

Cravinho continuava sentado no banco, na mesma posição em que terminara de contar a história. Parecia um totem esquecido.

Serviram o porco com farofa e arroz.

HOMEM ATRAVESSANDO PONTES¹

[1] Conto da coletânea
Retratos imorais (2010,
Alfaguarra).

Caminha sempre aos domingos, com a devoção de um católico que frequenta a missa. Religiosamente. Bermuda jeans, camisa de malha gasta, sandálias de couro no lugar dos tênis e o boné ganho numa loja de construção. Anda dez quilômetros se a bebedeira do sábado não deixou ressaca.

Às cinco da manhã senta na frente do computador; dá os últimos retoques numa conferência ou na pesquisa para não sei qual ministério. Atividades que o mantêm ocupado e à beira do estresse, viajando pelo Brasil, pelo mundo, por universidades e embaixadas. Hospeda-se em hotéis de luxo; recebe diárias e cachês altos. Talvez ganhe bastante dinheiro, nunca se tem certeza. Ele mesmo cria uma atmosfera de mistério em torno do afazeres alheios às caminhadas e aos encontros com os amigos. Dorme cedo e acorda cedo. Qualquer mudança nesse fuso horário provoca transtornos no humor depressivo.

Trabalha até às 7h50min, sem quebrar o jejum nem mesmo com uma fatia de pão dormido. Às 8 horas desce pelo elevador de serviço e inicia o périplo por lugares do centro do Recife. Um percurso sempre tão igual que as calçadas de pedra portuguesa guardariam os rastros do andarilho, se não tivessem sido trocadas por blocos de concreto, na nova administração da prefeitura. Substituíram as pedrinhas brancas e pretas com o mesmo cinismo com que derrubam prédios antigos, monumentos e igrejas. Mas o nosso homem de bermuda jeans e camisa de malha caminha olhando para frente. Nunca se detém nas fachadas das casas nem nos pardieiros arruinados. Não investiga restos de arquitetura colonial e *art nouveau*, não repara nos avanços modernistas da *art déco*, nem perde tempo com os excessos barrocos. Apenas caminha, exercitando as pernas e a musculatura cardíaca.

A pasta de couro usada nas viagens longas foi adquirida numa loja de departamentos em Londres e os paletós foram comprados em Milão. O avesso do figurino pobre de andarilho recifense. Não vestiria os mesmos trapos no Caminho de Santiago de Compostela. Com certeza, não. Talvez ele deseje confundir-se com pessoas comuns, perambulando por ruas desertas da cidade, nas manhãs de domingo. Recife mal despertado, as

crianças em cima de papelões nas calçadas, grogues pelo excesso de cola e crack, dormindo alheias ao sol quente no rosto, aos sinos da Igreja de Santo Antônio e ao caminhante que nem olha para elas.

O homem de aparência disfarçadamente modesta talvez pense na sociologia acadêmica, no pós-doutorado em Harvard, no orgulho de ser o provedor da família. Acelera o passo com a certeza de que não ultrapassará os oitenta batimentos cardíacos por minuto, o ritmo ideal segundo o cardiologista que o examinou. Deixa a poesia das ruas para Manuel Bandeira, Joaquim Cardozo e Carlos Pena Filho. Felizmente não se chama Severino, como no poema de João Cabral, e nunca pensou em atirar-se da ponte para fora da vida. Seu último teste ergométrico foi perfeito.

Vence os primeiros obstáculos da Boa Vista, atravessa a Ponte Duarte Coelho, a Guararapes, a Pracinha do Diário e pega à direita na Rua do Imperador. Chega ao Mercado de São José, cruza o Pátio de São Pedro e o largo da Basílica de Nossa Senhora do Carmo, com seu esplendoroso altar barroco pagão. Nem uma única vez ele para e contempla as igrejas abertas, relíquias de um passado colonial que o envergonha. Na França, visitou a Notre Dame de Paris e a catedral de Chartres. Mas a França é a França e Pernambuco é Pernambuco.

Apenas agora se liga nos primeiros sinais de fome, um aumento do peristaltismo abdominal. Não come há mais de doze horas. Habitou-se ao jejum prolongado. Às dez, sentará com amigos no Mercado Popular da Boa Vista para uma rodada de chope e um arrumadinho de charque. Prefere rum com coca-cola, pois cerveja dilata a bexiga. Sente dores no púbis desde quando a esposa dedicou-se à ioga tantra, exigindo-lhe que mantenha por mais tempo a ereção do pênis e alcance o orgasmo sem ejacular. Um esforço excessivo na sua idade. Aceita o sacrifício estoicamente, temendo que ela o imagine sem a mesma potência do início do casamento. Garante aos amigos manter a ereção durante seis horas. Nenhum acredita.

Cruza a Ponte Velha sobre o rio Capibaribe de águas podres, onde jura que se atira no dia em que ficar impotente. O suicídio premeditado nada tem a ver com a poesia de João Cabral, nem com Seu José mestre carpina do poema em louvor à vida, mesmo a vida mais insignificante, uma vida severina. Nada do discurso sociológico que sempre lhe garantiu bons empregos e salários. Um suicídio por questões meramente sexuais, talvez antropológicas. Jura aos amigos matar-se. Eles riem entre uma bebida e outra, nos encontros de domingo após as caminhadas, em lugares sórdidos onde servem comida deplorável e tocam música em radiola de ficha.

A ponte fende o rio em dois. Sente o mau cheiro da maré baixa e avista caranguejos à deriva. A mulher descobriu um novo roteiro para o sexo: o tantrismo. O que a sociologia do mangue e as palafitas da Ilha do Leite têm a ver com a cultura amorosa indiana, que o oprime e o deixa também à deriva? Desenvolveu um modo próprio de pensar e fazer o sexo. Sofreu para circuncidar-se sozinho, soltar o prepúcio da glândula, romper o cabresto. Prefere as mulheres no papel de mulheres e ele no papel de homem. Quando os amigos pedem que explique melhor suas teorias, enrola-se em frases sem conteúdo e o levam no deboche.

Os caranguejos se enovelam na lama suja, uma visão aterradora. São os mesmos que os catadores limpam e vendem presos em embiras: dóceis, amansados. Saem da prisão dos barbantes para a panela de água quente. Bem simples e prático. Depois, são servidos à mesa com pirão de farinha de mandioca. Uma gastronomia irretocável, fruto da tradição, o regionalismo tradicionalista e a seu modo modernista das lições de sociologia e antropologia pernambucana. O andarilho sorri ao lembrar que os caranguejos fazem parte de uma cadeia alimentar e cultural, em cujo topo ele se agarra a um emprego para sobreviver. Cospe com nojo nos bichos atacadados tentando escalar os paredões da ponte e invadir as ruas da cidade. Imagina o Recife tomado por caranguejos, numa guerra para que o mangue sobreviva. Os bichos amontoam-se como degraus de uma escada, ganham altura, oscilam e tombam de volta à lama e ao caos do rio. Lembram tarântulas sem veneno. Apertam com as tenazes das patas os intelectuais metidos a pesquisar a podridão do mangue, provocando susto, dor e gritos nos invasores, um mal passageiro e merecido, embora nem se compare à febre venenosa das tarântulas.

Bichos tântricos, trepam uns sobre os outros e, se deixarem, ali ficam para sempre. Ele não deveria consentir que a mulher frequentasse o curso de ioga tântrica, com um professor indiano. O que um indiano entende de caranguejos de patas arreganhadas, que nós quebramos com porretes de madeira e chupamos a carne e os miolos? Pergunta-se com raiva, conjugando o verbo quebrar na primeira pessoa do plural como político devasso ou professor acovardado: nós. É ele quem deseja quebrar. A cada mês a mulher passa um final de semana fora de casa, num hotel de campo, em meio ao que restou da Mata Atlântica. O mestre e os discípulos discorrem sobre sexo tântrico. Será que se exercitam em aulas práticas? Ele também viaja, passa dias fora de casa. Os homens foram nascidos para viagens, aventuras, perigos e guerras. É biológico. As mulheres esperam, tecendo mantos infundáveis. Sempre raciocinam dessa maneira, apesar da sociologia, da Califórnia, da contracultura e de todos os libelos feministas.

— Muitas coisas mudaram, mas, no campo da relação entre os sexos, continuam iguais.

A irlandesa Edna O'Brien também pensa como ele, o que o deixa bastante orgulhoso. É uma mulher inteligente, de olhos verdes e pele muito alva, sempre vestida de negro. O sexo ocupa os pensamentos da escritora como algo misterioso e agressivo, que ela transforma em literatura para não enlouquecer. O instinto e a paixão dos homens e mulheres são radicalmente diferentes, argumenta numa entrevista a Philip Roth. Na hora de se agarrarem, os homens possuem mais autoridade e autonomia. Gozam dentro das mulheres doando sêmen, o líquido vital cheirando à água sanitária. Elas recebem o tesouro viscoso, uns poucos mililitros repletos de espermatozoides, milhões de células inquietas de cabeça grande e cauda buliçosa. Retêm-no sem dar nada em troca, enquanto os homens tombam de lado, exaustos, precisando de um tempo para se refazer do esforço, alheios à viagem das parceiras. Fogem para um lugar só deles. Olham a parede contrária ao rosto que há poucos minutos beijavam com sofreguidão. As mulheres desconhecem por onde os homens passeiam, não compreendem quão instintiva é a partida, essa busca de encontrar-se a si próprio e reanimar-se. Sentem-se abandonadas e magoadas. Edna O'Brien experimenta um vazio igual e arranca seus escritos do nada. O andarilho acredita que as mulheres inventaram o sexo tântrico para vingar-se do abandono posterior ao orgasmo. Se os homens não ejacularem, ficarão em pé de igualdade com elas. Os machos nada doarão de si; talvez apenas um espermatozoide afoito. Anulam-se as leis biológicas, desfaz-se a relação de poder e mando. O amor sexual passa a desencadear-se pela consciência e não mais pela paixão.

O corpo treme quando contempla a escada de caranguejos, desabando na lama podre. Talvez desista do encontro com os amigos e apareça de surpresa no hotel onde a mulher se hospedou para o curso. Ela ficará assustada com a presença dele em meio aos colegas, temendo o que possa imaginar de ensinamentos tão estranhos ao meio acadêmico do curso de sociologia. No começo, ela até sugeriu ao marido se incorporar à turma de iogues. Parecia sincera. Mas foi apenas no começo.

Não irá pelo Cais José Mariano, mesmo sendo domingo. A lembrança dos armazéns de madeira, dos caminhões descarregados por homens fortes e suarentos, o enjoa. Prefere a rua da Matriz da Boa Vista, onde se casou. O que a esposa conversa com o professor indiano? Até onde chegam as intimidades verbais? Em que termos falam de sexo, endurecimento, ejaculação, orgasmo? Já são quase dez horas e os moradores de rua continuam dentro de suas casas improvisadas com plásticos e

papelões. Dá para ver alguns bebendo aguardente, de cócoras na calçada. Os gradis dos casarios, orgulho da memória ibérica pernambucana, servem para amarrar os plásticos com que improvisam os abrigos, a cada noite. Apenas nos domingos as cobertas permanecem montadas pelo dia afora. Quando chega a segunda-feira, os moradores se dispersam e a cidade reassume a vida comercial. Melhor ignorar tudo isso, não fez sociologia pensando em sujar as mãos no sangue. As feridas são para os poetas e guerreiros. Prefere batalhas na cama, mas a esposa o obriga a uma contenção severa, enchendo sua musculatura de dores.

Será que o indiano segura seis horas de ereção sem ejacular uma única vez? A mulher garante que sim. Como ficou sabendo? Ele, o marido, sempre gostou de esporrar, de ver as arremetidas do jato de esperma. Orgulha-se da força propulsiva do membro, lançando a quase um metro de distância os jorros em ondas de gozo. E os moradores de rua, como fazem sexo? Amontoados na lama, igualzinho aos caranguejos? Pessoas caminham nas calçadas, carros buzina nas ruas, vizinhos de mocambos de papelão se esfregam ao lado. Pernas, braços e cabeças invadem os espaços. Corpos amontoados se tocam, chafurdam entre molambos e restos de comida, em torno de garrafas vazias, pontas de cigarro, maco-nha, cola e crack. Imagina uma suruba coletiva debaixo dos papelões, como nos filmes pornô ou na antiga Babilônia. Excita-se. Teme não resistir ao impulso de enfiar-se em algum daqueles tugúrios. Aperta o passo, confiante no teste ergométrico, porém o coração acelera a cento e dez batidas por minuto.

É necessário sentar e descansar.

Chegou à antiga Praça da Boa Vista, onde no passado havia um chafariz. Seria bom refrescar-se. Agora, a água brota de uma fonte res-guardada por ninfas e leões. No alto, a escultura de uma índia remete aos antigos moradores de arrecifes e manguezais, dizimados como os caranguejos. Outros crustáceos se movimentam em torno da praça gra-deada. Melhor nem mencioná-los.

O andarilho cansou dos próprios pensamentos e das imagens sem pudor. Não costuma deter o olhar em quase nada, mas se embevece com as ninfas de perfil clássico, os peitos à mostra. Envergonha-se das fantasias com mulheres que o abordam pedindo cigarro e dinheiro, mas é seu modo pueril de vingar-se da esposa ausente.

Na casa de número 387, um pouco à frente, viveu na infância a escritora Clarice Lispector. Lembra o nome de um livro escrito por ela: *A imitação da Rosa*. Leu apenas o conto que dá nome à coletânea. Trata da

angustiante loucura de uma mulher, obcecada pelo desejo de alcançar no casamento a perfeição das rosas. Pensa na esposa e sente uma fisgada no peito esquerdo. Ela também busca a harmonia na vida conjugal, a perfeita comunhão entre corpo e alma. Ele não compreende essas coisas e provavelmente está enlouquecendo.

Construíram a fonte de pedra em Lisboa, do outro lado do Atlântico. Várias praças se sucederam ao longo do tempo, até esta por onde ele caminha inquieto. É possível investigar o passado de todas elas, seguir as pegadas de Clarice e famílias judias dando voltas ao redor, tentando esquecer os horrores da guerra.

O coração permanece acelerado, ameaçando explodir. E se pular na água? Talvez refresque a cabeça. Talvez.